

Sonho em movimento: a imagem do imigrante na literatura brasileira

Falar da imigração é falar de um fenômeno complexo, que tem facetas socioeconômicas, políticas, culturais e por último, mas não menos importantes, emocionais. O imigrante é uma pessoa que obedece – o mais das vezes a contragosto – ao chamado/ordem de Jeová a Abraão: “Sai de tua terra”. É em busca da Terra Prometida que ele vai, mas ao fazê-lo paga o preço do desenraizamento e da frustração; e contrai, com o país que o acolhe, uma relação ambivalente, de ódio e amor. Por outro lado, é privilegiado o olhar que lança o recém-chegado à sua nova terra; um olhar revelador, um olhar capaz de perceber até aquilo que Marx denomi-

MOACYR SCLiar
é escritor e crítico literário. É autor de, entre outros, *Cenas da Vida Minúscula* (L&PM) e *A Majestade do Xingu* (Companhia das Letras).

nou de “poros da sociedade”. Pois é nesses poros que o imigrante, muitas vezes, vai encontrar a sua única forma de sobrevivência.

Uma situação tão rica em emoções teria de necessariamente ser aproveitada pela literatura; sobretudo na América, o Novo Mundo que sempre atraiu, como ímã, os imigrantes. Sucessivas ondas de povoadores para cá vieram desde o descobrimento; mas foi no século XIX, em função de convulsões que abalaram a Europa – conflitos nacionais afetaram a vida de milhões de pessoas, tal como acontece hoje na ex-Iugoslávia –, que o processo migratório se acelerou consideravelmente. A América, continente de vastas extensões, carecendo de mão-de-obra e relativamente tolerante, representa uma esperança: “Dá-me os teus exaustos, os teus pobres/Tuas confusas massas que por ar livre anseiam”, dizem os versos da poeta Emma Lazarus (1849-87) gravados em bronze no pedestal da Estátua da Liberdade, em Ellis Island (Nova York), lugar onde os imigrantes eram recebidos. E Domingos Faustino Sarmiento (1811-88), intelectual e político argentino: “A América necessita, para sua prosperidade e engrandecimento, atrair o maior número possível de estrangeiros... A Argentina, um país capaz de comportar cem milhões de pessoas, não tem mais que um milhão de habitantes. Necessitamos da indústria, da arte, do dinamismo e da disposição para o trabalho dos europeus” (1). Ou, como dizia Juan Bautista Alberdi, “governar é povoar”. Uma opinião integralmente endossada pelos governantes argentinos, mas que nem todos aceitavam: “*El presuroso crecimiento de nuestras democracias por la incesante agregación de una enorme multitud cosmopolita; por la afluencia inmigratoria que se incorpora a un nucleo aun debil para verificar un ativo trabajo de asimilación... nos expone a los peligros de la degeneración democrática*”, diz José Enrique Rodó em *Ariel*, e continua: “*Gobernar es poblar, asimilando en primer termino, educando y seleccionando. La multitud no es nada por si mismo, será instrumento de barbarie o de civilización, según carezca o no de una alta dirección moral*”. Para Rodó,

o imigrante era assim um equivalente de Caliban, *símbolo de sensualidad y torpeza*, contraposto a Ariel, *genio del aire, la parte noble del espíritu* (2). Apesar dessas aristocráticas restrições, os imigrantes continuaram chegando e logo constituíam significativa proporção da população latino-americana.

Não foi de imediato, no entanto, que as correntes migratórias geraram obras literárias. É um processo que passa por três etapas – por três gerações. A primeira geração é a que chega ao país; só raramente impõe sua marca à literatura, em primeiro lugar porque está tão ocupada com a sobrevivência que mal pode pensar em ficção e depois porque não domina o idioma. A segunda geração, beneficiada pelos frutos do árduo trabalho de seus antecessores, tem acesso aos bens culturais e à linguagem literária, às vezes com requintes que surpreendem os nativos. Paga um preço por essa situação até certo ponto cômoda, um preço que se expressa nos conflitos de identidade – que acabam se transformando em matéria-prima para a literatura. A terceira geração, assimilada, não tem esses problemas; pode sofrer do “mal-estar da cultura” de que falava Freud, mas nisto não é exceção. Esta é a geração da globalização, da linguagem planetária.

Pelas razões acima expostas, a literatura de emigração começou relativamente tarde no Brasil. Como primeira importante obra no gênero, aponta-se em geral *Canaã* (1902) de José Pereira da Graça Aranha (1868-1931). Diplomata de carreira, como muitos escritores latino-americanos, Graça Aranha introduziu no Brasil uma tendência dominante na prosa européia de fim de século que consistia em mesclar o naturalismo de um Zola com elementos simbolistas. Em seu livro, a emigração, a par da descrição realista, é uma alegoria do Paraíso Perdido, ou da Terra Prometida – daí o nome.

Canaã(3) é redigido num estilo pomposo, grandiloquente, barroco até; bem de acordo com a concepção do autor, para quem escrever era “cantar com a pena”. Os personagens não dialogam, discursam, peroram, fazem pronunciamentos. Apesar disso é possível distinguir no choque das idéias

1 Ver Sarmiento – *Coletânea* (org. Leon Pomer), São Paulo, Ática, 1983, p. 70.

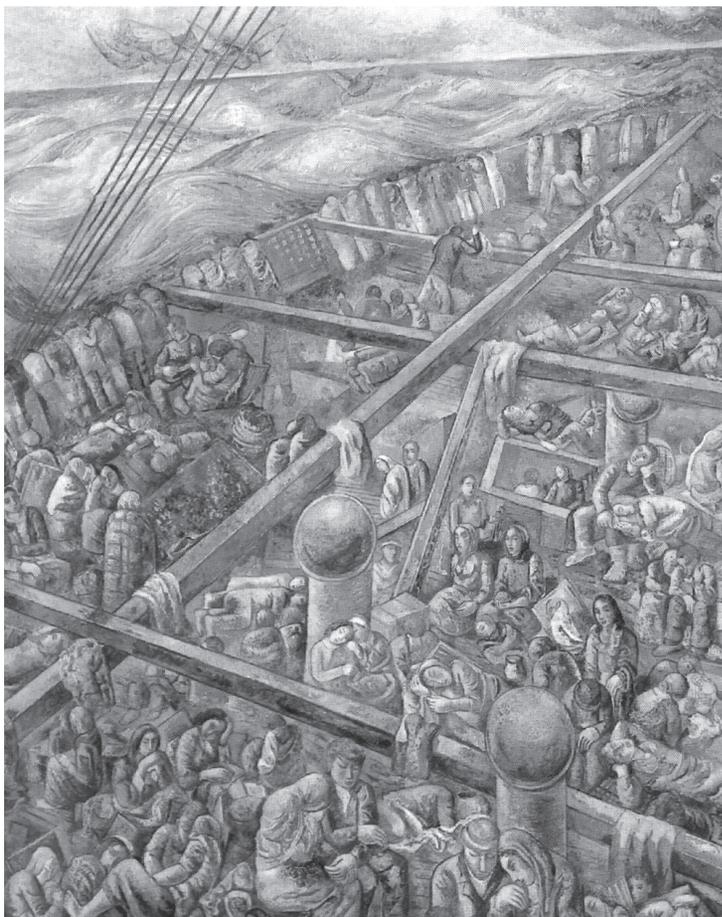
2 José Enrique Rodó, *Ariel*, Buenos Aires, Austral, 1948.

3 Graça Aranha, *Canaã*, introdução e notas de Dirce Cortes Riedel, Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

dos personagens principais um conflito transplantado da Europa para o Brasil. O tolstoiano Milkau (que obviamente goza da simpatia do autor) quer começar no Brasil uma vida nova. Já o nietzschiano Lentz acredita na força e no poder, com uma conotação claramente sexual: “Nós renovaremos a nação, nos espalharemos sobre ela, a cobriremos com nossos corpos brancos e a engrandeceremos para a eternidade... A civilização dessa terra está na imigração dos europeus; mas é preciso que cada um de nós traga a vontade de governar e dirigir” (p. 22). Esta “vontade de dirigir” sugere um autoritarismo próximo ao nazifacismo, cuja vigência, no Brasil meridional, é tema de um outro romance de imigração, *Um Rio Imita o Reno* (1939), de Clodomir Viana Moog (1906-88). Diplomata como o autor de *Canaã* – aliás, seu livro ganhou o prêmio Graça Aranha –, Viana Moog era um agudo observador dos conflitos vividos pelos imigrantes, divididos entre velhas, e perigosas, lealdades e o desejo de integração ao país em que vivem.

Dos anos 40 aos 60, o tema da emigração aparece pouco em nossa literatura. São anos de nacionalismos, de direita ou de esquerda, um nacionalismo não isento às vezes de xenofobia. No entanto, com o fim do regime militar e com a redemocratização do país, novas vozes se fazem ouvir na literatura brasileira, vozes de grupos antes marginalizados pela intolerância, como é o caso de mulheres, de homossexuais, de negros. Não é de admirar, portanto, que nos últimos anos tenham aparecido várias obras literárias (sem falar em filmes) tendo como tema a emigração. Só para citar alguns exemplos: *República dos Sonhos*, de Nélida Piñon, que conta a saga dos emigrantes vindos da Galícia; *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum, e *Amrik*, de Ana Miranda, versando sobre a emigração árabe; *O Quatrilho*, de José Clemente Pozenato, narrando uma história ambientada entre emigrantes italianos no Rio Grande do Sul, que vieram se juntar ao mais antigo *Contos do Emigrante*, de Samuel Rawet. A estes, posso juntar a novela de minha autoria *A Majestade do Xingu*, que

gira em torno à figura de Noel Nutels. Emigrante russo, Nutels estudou medicina no Recife, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde conviveu com o grupo de intelectuais de esquerda da revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer e por fim dedicou-se a cuidar dos índios na região do Xingu – um trabalho que marcou época e que ainda hoje é considerado exemplar. Membro de um grupo hostilizado e perseguido, Nutels identificava-se com os índios por causa, segundo dizia, do sofrimento destes. Nesse sentido, é uma figura paradigmática, mostrando



que o processo de integração do emigrante à realidade social, política, cultural não é algo que ocorra passivamente mas requer uma transformação profunda, às vezes dolorosa. Os sonhos do emigrante são sonhos que mudam de acordo com as circunstâncias históricas em que vivem; são sonhos, mas sonhos em movimento. É isso que faz de sua experiência matéria-prima de primeira grandeza para o trabalho literário.

Lasar Segall,
Navio de Emigrantes,
1939-41